

Capitão Astúcia,
um vovô heroi
contra o etarismo



PÁGINA 3

Palhaço Xuxu
volta ao Rio com
seu 'Silêncio Total!'



PÁGINA 4

Grammy: Beyoncé
conquista prêmio
de melhor álbum



PÁGINA 6

2º CADERNO

Divulgação



Fernanda Torres lidera o elenco desta adaptação do livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva. Longa já ultrapassou a marca de 4 milhões de pagantes somente no Brasil e ostenta bons números no exterior

'Ainda Estou Aqui' mira outro prêmio: o Goya

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Esquenta ibérico para a corrida do Oscar, o prêmio espanhol tem o longa de Walter Salles entre seus candidatos

Hollywood entrega seu Oscar deste ano no dia 2 de março (domingo de carnaval), no Dolby Theatre, em Los Angeles, mas

há outras premiações de molde similar ao da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos EUA - só que europeias - para serem realizadas antes, como o Goya, da Espanha. Neste sábado, o Palacio de Exposiciones y Congresos, de Granada, acolhe a 39ª edição da mais importante honraria audiovisual da Península Ibérica, território natal de um dos mais prestigiados festivais do mundo, o de San Sebastián. "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, está no páreo.

Com 4 milhões de ingressos vendidos em circuito nacional (e receita global de quase US\$ 20 milhões), a adaptação para as telas do romance homônimo de Marcelo Rubens Paiva disputa a láurea de Melhor Filme Ibero-americano. É a primeira vez do Brasil nesse páreo, no qual a Argentina tem sido soberana desde 1987, quando o troféu espanhol começou a ser entregue. Nuestra vecina de América do Sul soma 19 vitórias por lá e volta ao certame agora com "Matem O Jôquei!", de Luis Ortega.

Salles disputa ainda com "Agarra-me Forte", de Ana Guevara e Leticia Jorge (Uruguai); "O Lugar da Outra", de Maite Alberdi (Chile); e "Memórias De Um Corpo Ardente", de Antonella Sudassi Furniss (Costa Rica). Quem ganhar leva para sua casa um troféu em forma de busto do pintor Francisco José de Goya y Lucientes (1746 -1828), esculpido em bronze pelo artista plástico José Luis Fernández.

Todo ano, o cinema brasileiro inscreve um representante atrás de um Goya para chamar de seu, incluindo cults como "A Febre do Rato" (2011) e "Bacurau" (2019). O mais perto que o país esteve de uma vitória foi com Carlinhos Brown, laureado com o prêmio de Melhor Canção por "Zombie Mameto" (composta em duo com Mateus), da trilha de "Milagre do Candeal". Rodado na Bahia pelo madrileno Fernando Trueba, a produção, centrada no projeto social de Brown, em Salvador, venceu ainda na categoria Melhor Documentário - mas é um filme espanhol.

Continua na página seguinte

Divulgação



'La Infiltrada', trama sobre as ações do ETA, concorre a 13 troféus



'El 47', recordista de indicações ao Goya, trata da criação de uma linha de ônibus numa localidade pobre

Lucia Faraig/Divulgação.png

Pinceladas cinéfilas dignas de um Goya

Quem vai comandar a celebração do Goya 2025 será a dupla de atrizes Maribel Verdú e Leonor Watling. O longa espanhol com maior número de indicações, concorrendo em 14 frentes, é "El 47", de Marcel Barrena. Sua narrativa em tons sociológicos faz uma (comovente) reconstituição da luta do chofer de ônibus Manolo Vital. Na Barcelona da década de 1970, ele sequestrou o loteamento que dirigia para forçar as autoridades a ampliar a malha rodoviária de seu bairro, beneficiando as populações mais pobres. Eduard Fernández, espécie de Tony Ramos catalão, vive o motorista.

Seu maior rival, brigando por 13 prêmios, é "La Infiltrada", de Arantxa Echevarría (com 13). Sem vez no Oscar, "O Quarto ao Lado", que rendeu o Leão de Ouro de Veneza a Pedro Almodóvar, chega faminto ao Goya, com dez indicações. Suas atrizes, Julianne Moore e Tilda Swinton (que será contemplada com o Urso de Ouro Honorário no próximo dia 13, na

Divulgação



Esnobado no Oscar, 'O Quarto ao Lado', de Pedro Almodóvar, chega faminto ao Goya

Divulgação



Indicado na categoria de filmes europeus, 'Emilia Pérez' também aparece no rol de filmes que podem conquistar alguma premiação na premiação espanhola

Divulgação



O argentino 'Matem o Jôquei' é um dos concorrentes de 'Ainda Estou Aqui'

abertura da Berlinale), dispararam como favoritas. Nesse almodrama (ou seja, um melodrama almodovariano), as duas vivem amigas que se reencontram no momento em que uma delas planeja eutanásia.

Durante os festejos do Goya, no dia 8, vai ter ainda espaço para um troféu de honra, chamado Goya Internacional, para o ator Richard Gere. Envolvido com a excursão mundial de seu longa mais recente ("Oh, Canada"), o galã e ativista é o escolhido da vez para receber uma láurea antes concedida às atrizes Cate Blanchett, Juliette Binoche e Sigourney Weaver.

No dia 16 de fevereiro, em Londres, rola outro Oscar do Velho Mundo, o Bafta, da Inglaterra. "Ainda Estou Aqui" vai disputa-lo também, entre os indicados a Melhor Filme de Língua Não Inglesa.

No dia 28, o auditório Olympia, em Paris, sedia a entrega do César, o Oscar da França, com a diva Catherine Deneuve presidindo a cerimônia. Fenômeno de bilheteria em 2024, com 9,3 milhões de entradas vendidas, a mais recente versão de "O Conde de Monte-Cristo", dirigida por Alexandre de La Patellière e Matthieu Delaporte, encabeça a briga, com 14 indicações.

Ímã de controvérsias há uma semana, por conta de declarações polêmicas de sua estrela (Karla Sofia Gascón), o musical "Emilia Pérez", de Jacques Audiard, que estreia no Brasil na quinta, vai brigar por 14 Césares, 11 Baftas e ao Goya de Melhor Filme Europeu.

Tem 13 indicações ao Oscar hollywoodiano, onde enfrenta "Ainda Estou Aqui" nas categorias Melhor Filme Internacional e Melhor Atriz, num embate entre a espanhola Karla e a carioca Fernanda Torres. Em seu enredo, um chefe do crime do México, Manitas (papel de KSGascón), recorre à ajuda de uma advogada (Zoe Saldaña) para transicionar, assumindo identidade feminina. Regressa com o nome de Emilia e encara a violência dos cartéis, além de conflitos pessoais com sua ex-mulher. A produção conquistou quatro Globos de Ouro, em janeiro.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Vai ter Marvel nas telas daqui a dez dias, com a luta entre o Falcão Sam Wilson (Anthony Mackie) e o Hulk Vermelho (Harrison Ford) em “Capitão América: Admirável Mundo Novo”, mas, antes disso, um outro super-herói, brasileiroíssimo, egresso lá do Distrito Federal, promete combater o Mal (e as chatices da vida) no circuito exibidor.

Com estreia marcada para quinta, “Capitão Astúcia” chega às telas com 49 prêmios no currículo e bom humor a rodo. Vem lá do Centro-Oeste, de terras que produziram grifes autorais de prestígio, como Cibele Amaral (“Momento Trágico”), René Sampaio (“Eduardo e Mônica”) e José Eduardo Belmonte (“Subterrâneos”). Filipe Gontijo, diretor de “A Gruta” (2008), é seu realizador e consegue conversar (bem) com as cartilhas pop de tramas sobre vigilantes mascarados, mesmo mirando nas endemias morais e sociais do Brasil - em especial os desrespeitos com idosos.

Faz tempo que Brasília impressiona olhares ao flertar com narrativas de gênero. No perímetro do audiovisual, aquele território costuma ser mais conhecido por seu histórico documental, em especial pela obra de Vladimir Carvalho (1935-2024), um paraibano radicado lá, e famoso por cults como “Barra 68” (2001). No entanto, existem outros veios em sua produção de curtas e de longas.

Não por acaso, a capital federal desta nação fez investimentos até na ficção científica (um filão raríssimo na filmografia latino-americana), com “A Repartição do Tempo” (2016), de Santiago Dellape. Por lá existe ainda uma usina de thrillers de ação à moda Charles Bronson, dirigidos por Erik de Castro: “Federal” (2010), “Cano Serrado” (2018) e “Amado” (pilotado em dupla com Edu Felistoque em 2022).

Assim sendo, o investimen-



Fernando Teixeira foi premiado em Vassouras por seu desempenho como Capitão Astúcia

O Demolidor do DF

Com 49 prêmios em seu currículo, ‘Capitão Astúcia’ põe o cinema brasileiro em conexão com os filmes de super-herói, misturando riso, ação e um debate sobre etarismo

to daquele polo em representar o vigilantismo (tal qual o tema é tratado pelas HQs) não chega a ser uma surpresa. Surpreende, sim, a notável destreza narrativa de Gontijo e sua contundência no debate do etarismo.

Seu protagonista, Fernando Teixeira (conhecido por “Baixio das Bestas” e “Aquarius”), tem uma atuação em estado de graça, que foi coroada com o troféu de Melhor Interpretação no Festival de Vassouras, em 2023. Amparado numa direção de arte esplendorosa (de Lia Renha) capaz de tratar a realidade de populações anciãs com um desfile de cores, Gontijo faz de “Capitão Astúcia” uma cartografia do desamparo na terceira idade. Analisa ainda o papel da fantasia no combate ao desdém e

ao abandono de quem é definido pela palavra “velho”.

O roteiro escrito por Gontijo e Eduardo Gomes abre brechas para a aventura, regando sua estrutura de adrenalina. No enredo, o músico Santiago (Paulo Verlings) vive frustrado com sua carreira de pianista, assombrado pela fama que teve quando usava calças curtas. Era chamado de Kid Pianino quando pequeno, por ser um prodígio em Bach, e é obrigado pelo pai a assumir essa alcunha de novo, agora adulto, num programa de variedades da TV. Obsatinado em escapar de um revival na televisão, o rapaz se refugia no universo quixotesco de um avô que há tempos não via. Esse vozão cheio de afeto é um figuraça. O problema desse senhor – outrora ligado à indústria das revis-

tas em quadrinhos, num trabalho como letreirista - é acreditar que é um combatente do crime. Encara a si mesmo como se fosse um Batman brasileiro ou um Demolidor candango. Defender os fracos e os oprimidos sob o alter ego do Capitão Astúcia passa a ser a sua razão de viver, apoiado pelo carinho de uma amiga (e até algo mais), Dulce, que arranca da atriz Nívea Maria (uma diva das telenovelas) um poético desempenho.

Astúcia tem até um inimigo, um Lex Luthor particular chamado Akira Laser (vivido por Yudi Tamashiro). Esse malvado é um pianista demoníaco que utiliza raios em suas apresentações para acessar dimensões paralelas. A tarefa de Astúcia será dar cabo dele. O dilema é como fazer isso num país que sucateia sua população anciã.

Premiado em festivais na Espanha, na Itália e nos EUA, “Capitão Astúcia” se impõe na telona - sem fazer vergonha frente à concorrência marvete - pela direção de fotografia de André Carvalheira, numa luz que evoca o colorido dionisíaco das graphic novels.

CORREIO CULTURAL

Divulgação Sesc RJ



Espectáculos contemplados estarão na grade 2026

Edital Sesc Pulsar recebe inscrições até 10 de março

O Sesc RJ lançou a 5ª edição do Edital Sesc RJ Pulsar, uma das principais iniciativas de fomento à cultura no estado. Com investimento de R\$ 36 milhões, a iniciativa financia projetos que compõem a programação cultural de 2026 da instituição. As inscrições são gratuitas e poderão ser realizadas até 10 de março no link <https://lnq.com/El6Tg>.

Os recursos serão distribuídos entre atrações de sete linguagens artísticas: Teatro, Música, Literatura, Dança, Circo, Audiovisual e Artes Visuais.

Cada linguagem tem um caderno exclusivo que orientará os proponentes, de forma específica, na inscrição dos projetos.

Novidades

Entre as novidades desta edição está a inclusão de uma nova categoria na área de literatura, voltada para a criação de obras de não ficção. O objetivo é fomentar a produção de livros inéditos neste gênero, elaborados por autores residentes no país.

Animação

A pesquisadora Mariza Gualano promove nesta terça-feira (4), a partir das 18h, na loja da Cavídeo (Estação Net Botafogo), sessão de autógrafos de seu mais novo livro, "Conversa Animada - Frases do Cinema de Animação".

Novidades II

O outra novidade está na área musical, cuja categoria antes destinada às rodas de samba foi ampliada, contemplando agora também projetos relacionadas a gêneros como forró e choro, valorizando manifestações genuinamente brasileiras.

Prorrogada

Inspirado na obra do francês Jean Genet (1910-1986), o espetáculo "Marginal Genet" teve sua temporada prorrogada no Cine Teatro Joia, em Copacabana. Agora serão mais quatro sessões, sempre às quintas (20h), até o dia 27. Direção: Francis Meyer.



Xuxu conta estar solteiro e com vontade de se casar

Xuxu está de volta à cidade

O palhaço sedutor criado pelo premiado Luiz Carlos Vasconcellos está em cartaz na reabertura do Teatro Glaucio Gill

Luiz Carlos Vasconcelos e o Palhaço Xuxu já coexistem no mesmo corpo há pelo menos 45 anos. Criado pelo ator no final dos anos 1970, Xuxu é irreverente, paquerador e, claro, um grande showman.

Inicialmente forjado para entreter comunidades em João Pessoa, na Paraíba, terra de Vasconcelos, o palhaço já pinta e borda pelas ruas, palcos e picadeiros há quase cinco décadas. Agora, no palco do Teatro Glaucio Gill, em Copacabana, que reabre ao público neste verão, ele comanda o espetáculo "Silêncio Total!", em que reúne seus

números mais icônicos, sob a direção de Luís Carlos Nem.

"É um espetáculo para toda a família. Esse formato do 'Silêncio Total', nós começamos a fazer em 2005. De lá para cá, o Luiz Carlos já deu vida ao Xuxu em diversas cidades, foi e voltou com o espetáculo muitas vezes, e, claro, modificamos e incluímos números. O repertório e textos surgiram basicamente nas ruas. Xuxu é um palhaço-cidadão que vai a qualquer lugar. Temos aqui uma coletânea dessa trajetória de quase 50 anos", explica o diretor, Nem.

Versátil, Luiz Carlos, que acumula diversos prêmios pelos traba-

lhos no cinema — são dois APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) de Melhor Ator pelos filmes "O Primeiro Dia" e "Eu, Tu, Eles", e um de Melhor Ator Coadjuvante por "Baile Perfumado" —, tem carinho especial pela palhaçaria e o palco. Ele conta um pouco sobre a construção de Xuxu.

"É um palhaço sedutor e está solteiro até hoje. Ele se assusta com os homens e quer se casar com todas as moças solteiras. É muito sacana e vaidoso. Tem dois momentos marcantes: a garrafa d'água e o monociclo. Eu vou equilibrar a garrafa na bengala, a bengala no queixo, em cima do monociclo. E escolho duas crianças da plateia para me ajudar. É um pretexto para fazermos uma grande brincadeira. No espetáculo, tudo depende do público. Eu vou tirando partido e improvisando. Tem também um número em que fazemos uma pessoa desaparecer", entrega o ator, que mistura mágica, equilíbrio e humor na apresentação.

SERVIÇO

SILÊNCIO TOTAL!

Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana)

Até 23/2, aos sábados e domingos (16h)

Ingressos: R\$ 5 e R\$ 2,50 (meia)

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.

PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.

Beyoncé vence Grammy de melhor álbum do ano

Kenrick Lamar fica com sete estatuetas em cerimônia é marcada por pronunciamentos contra medidas do governo Trump. Organizadores do prêmio negaram assento a Milton Nascimento na plateia mesmo sendo ele um dos artistas indicados



Divulgação

Com um álbum dedicado ao country, Beyoncé conquistou o prêmio de álbum do ano e o rapper Kendrick Lamar foi o maior vendedor da noite com sete premiações

O Grammy, prêmio mais importante da música, chegou em sua 67ª edição. Além de tributos e pedidos de doações para pessoas afetadas pelos incêndios em Los Angeles, a cerimônia foi recheada de discursos políticos contra medidas do governo Donald Trump. Lady Gaga, por exemplo, defendeu os direitos de pessoas transgênero ao subir ao palco com Bruno Mars para receber o Grammy de melhor performance pop por “Die with a Smile”. Já Shakira dedicou o gramofone de melhor álbum pop latino aos imigrantes nos Estados Unidos, que enfrentam deportações depois da eleição de Trump. “Vocês têm valor. Sempre lutarei ao seu lado e das mulheres que trabalham duro para sustentar suas famílias. Vocês são heroínas. Esse prêmio também é de vocês”, disse.

Apesar do tom político, a organização do Grammy foi extremamente deslegante ao negar a Milton Nascimento um assento ao lado de Esperanza Spalding com quem gravou um trabalho álbum indicado na categoria de melhor álbum de jazz. O álbum não é apenas da americana, mas um trabalho em parceria totalmente dedicado à obra do cantor e compositor brasileiro. Um au-

têntico vexame que levou a artista estadunidense a levar para a plateia um cartaz de protexto com a foto de Milton e os dizeres “esta lenda deveria estar sentada aqui”.

O maior vencedor da noite foi Kendrick Lamar, que levou sete estatuetas para casa, incluindo melhor gravação e canção pelo hit “Not Like Us”, resposta ao rapper Drake na batalha de rima entre os dois. Em uma edição histórica, Lamar recebeu um dos prêmios de Diana Ross. “Nada é mais poderoso que o rap”, disse ele.

Doechii abriu a cerimônia levando o prêmio de melhor álbum de rap. A cantora fez um discurso emocionante relembrando as poucas mulheres que já venceram a categoria. “Tem muitas mulheres negras que estão me assistindo, e queria dizer que vocês conseguem. Não permitam que projetem estereótipos sobre vocês”, disse ela.

A rapper subiu ao palco depois da apresentação de Sabrina Carpenter com o seu hit “Espresso”, em um cenário que parecia um palácio. O seu “Short n’ Sweet” foi eleito o melhor álbum pop vocal.

Lady Gaga e Bruno Mars fizeram uma apresentação emocionante da música “California Dreamin’”, do The Mamas & the Pappas, para mobilizar o público a doar, e Billie



Eilish de “Birds of a Feather”.

Chappell Roan, estrela do pop que alcançou o sucesso no ano passado, apresentou “Pink Pony Club”, sobre os clubes LGBTQIA+ em Los Angeles, montada em um enorme cavalo rosa. Roan foi eleita artista revelação e fez um apelo no palco para que as gravadoras deem mais apoio financeiro aos artistas em começo de carreira.

Beyoncé levou o Grammy de melhor álbum country pelas mãos de Taylor Swift, em um momento de saia justa na cerimônia a artista já perdeu o melhor álbum do ano para Swift em uma edição que sua vitória era dada como certa.

VEJA VENCEDORES DA PREMIAÇÃO

ÁLBUM DO ANO - “Cowboy Carter,” Beyoncé

GRAVAÇÃO DO ANO - “Not Like Us”, Kendrick Lamar

CANÇÃO DO ANO - “Not Like Us”, Kendrick Lamar

ARTISTA REVELAÇÃO - Chappell Roan
Melhor performance pop solo - “Espresso”, Sabrina Carpenter

MELHOR PERFORMANCE POP DUO OU GRUPO - “Die With a Smile”, Lady Gaga and Bruno Mars

MELHOR GRAVAÇÃO DE POP DANCE - “Von Dutch”, Charli XCX

Melhor álbum pop vocal - “Short n Sweet”, Sabrina Carpenter

MELHOR ÁLBUM DANCE/ELETRÔNICA - “Brat”, Charli XCX

MELHOR ÁLBUM DE ROCK - “Hackney Diamonds,” The Rolling Stones

MELHOR PERFORMANCE DE ROCK - “Now and Then,” The Beatles

MELHOR ÁLBUM ALTERNATIVO - “All Born Screaming”, St. Vincent

MELHOR PERFORMANCE ALTERNATIVA - “Flea”, St. Vincent

MELHOR PERFORMANCE DE R&B - “Made for Me (Live on BET)”, Muni Long

MELHOR ÁLBUM DE R&B - “11:11 (Deluxe)”, Chris Brown

MELHOR PERFORMANCE DE RAP - “Not Like Us”, Kendrick Lamar

MELHOR ÁLBUM DE RAP - “Alligator Bites Never Heal”, Doechii

MELHOR MÚSICA DE RAP - “Not Like Us”, Kendrick Lamar

MELHOR ÁLBUM POP LATINO - “Las Mujeres Ya No Lloran”, Shakira

MELHOR PERFORMANCE SOLO DE COUNTRY - “It Takes A Woman”, Chris Stapleton

MELHOR PERFORMANCE COUNTRY EM DUPLA OU GRUPO - “II Most Wanted”, Beyoncé e Miley Cyrus

MELHOR CANÇÃO DE COUNTRY - “The Architect”, Kacey Musgraves

MELHOR ÁLBUM DE COUNTRY - “Cowboy Carter”, Beyoncé

MELHOR ÁLBUM DE JAZZ COM VOCAL - “A Joyful Holiday”, Samara Joy

MELHOR TRILHA SONORA PARA MÍDIA VISUAL - “Duna: Parte 2”

MELHOR CANÇÃO PARA OBRA AUDIOVISUAL - “It Never Went Away”, de “American Symphony”

Lucas Lima/Divulgação

É tempo de Pedro Luís

Cantor e compositor ocupa o Teatro Ipanema ao longo das terças-feiras de fevereiro, a cada semana com um convidado especial

O mês de fevereiro será intenso para o cantor e compositor Pedro Luís. O artista carioca apresenta o repertório de seu novíssimo álbum, “E se tudo terminasse em amor?” (quinto de sua discografia autoral) nas terças-feiras de fevereiro, dentro do projeto “Terças no Ipanema”, no Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa.

Para a temporada inédita, Pedro Luís vai receber um convidado diferente a cada semana. São eles a parceira e amiga Zélia Duncan nesta terça-feira (4), a cantautora gaúcha Gisele de Santi (11/2), Fernanda Abreu (18/2) e Chico Chico (25/2.)

Frequentador do Teatro Ipa-

nema, no palco e na plateia, Pedro Luís guarda muitas lembranças: “Pude ver o brilho dramático de Rubens Corrêa e toda aquela cena alternativa dos anos 1970 e 1980, no pequeno palco no subsolo. Tive o privilégio de me apresentar duas vezes no teatro: uma com o grupo Boato, outra a convite de Luana Carvalho”, pontua.

O repertório da ocupação de Pedro Luís no Terças no Ipanema inclui novidades de seu ultraromântico disco, como “Abraços dos Amantes”, “Vem Amar Comigo” e “Muito Amor”, além de composições de Pedro Luís que viraram sucesso nas vozes de Ney Matogrosso (“Noite Severina”), Adriana Calcanhotto (“Mão e Luva”) e “Caio no Suingue” (Fernanda



Pedro Luís vai mostrar seus maiores sucessos, a nova safra autoral e receberá convidados

Abreu). A ideia é experimentar novos arranjos para canções conhecidas e mostrar a nova safra autoral para o público do Ipanema.

“Serei eu no violão, Elcio Cáfareo na bateria e Ricardo Rito

no teclado e sanfona. A cada terça-feira receberei diferentes convidados muito especiais que atravessam a minha história na música, de alguma maneira.”

SERVIÇO

TERÇAS NO IPANEMA COM PEDRO LUÍS

Teatro Ipanema Rubens

Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824)
4/2, às 20h, com Zélia Duncan
11/2, às 20h, com Giselle de Santi
18/2, às 20h, com Fernanda Abreu
25/2, às 20h, com Chico Chico
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Léo Martins em modo solo

Cantor, compositor e multi-instrumentista carioca lança o EP ‘Auto-Retrato’

Depois de lançar, no fim de 2024, os singles “Rabo de Saia” – de autoria dos colegas contemporâneos da faculdade de Música da Uni-Rio, Alexandre Fróes e Hamilton Fofão – e “É Só Saudade” – composição de Edu Krieger, outro contemporâneo dos tempos de universidade, nos anos 1990 – o compositor, cantor e multi-instrumentista Léo Martins lança seu primeiro trabalho solo, o EP “Auto-Retrato” com cinco faixas, disponível nas plataformas digitais.

A produção musical contou com a assinatura de mais um integrante dessa turma de universidade, Carlos Pontual.

O EP “Auto-Retrato” traz a sonoridade característica da música popular brasileira, mesclando samba, maracatu, funk e elementos contemporâneos, resultando em um trabalho autêntico e diversificado.

A faixa-título, “Auto-Retrato”, composta por Rodrigo Maranhão, é um dos destaques do projeto, trazendo uma reflexão íntima so-



Léo Martins iniciou a carreira em banda de blues e hoje experimenta ua sonoridade mis divesificada

bre o cotidiano e o amor, marcada por batidas envolventes e a voz inconfundível de Leo Martins. Cada faixa do EP oferece uma experiên-

cia única, desde a crítica social de “Tem Dindin” (Raphael Gemal) até a intensidade melódica de “Bala Perdida” (Alexandre Froes). Em

“Limonada” (Raphael Gemal), as influências de samba e MPB se encontram, enquanto “Pavio” (Alexandre Froes) transporta o ouvinte para as paisagens cariocas.

Antes de iniciar carreira solo, Léo Martins integrou a banda Overblues nos anos 1990, compondo, tocando guitarra e cantando na cena regional do blues, chegando a dividir o palco em festivais com artistas renomados como Celso Blues Boy, Zé da Gaita, Blues Etilicos e Buddy Guy. Neste período, deu aulas de violão para a cantora Zélia Duncan. Cantou na banda pop Ideia Rara. A partir dos anos 2000 tocou percussão e cantou no Grupo Sotaque do Mundo e acompanhou como guitarrista artistas como Ivo Meirelles & Funk in Lata, João Estrella e Toni Platão. Também foi mestre de bateria do bloco carnavalesco Bangalafumenga.

Fernando Dias/Divulgação

CRÍTICA / RESTAURANTE / COLTIVI

Um fim de semana como deve ser

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A proposta era ficar com Rosa e Nuno para teatro, vermos “Corcunda de Notre Dame”, relaxarmos. E escolhemos as refeições que mais gostamos. Brunch, no sábado pela manhã, e a tradicional pizza da noite de domingo. Rosa pesquisou o que era brunch e logo falou: “Gostei disso”. Nuno deu aquela risadinha de contentamento. E fomos nós para o Coltivi, naquela casa linda, com quintal, árvores, perfeito exemplar do passado da linda arquitetura brasileira.

Fomos atendidos de forma maravilhosa pelo João. Nuno escolheu o iogurte com granola, frutas e mel. As frutas frescas, o mel verdadeiro, nada daquela calda açucarada. Bateu um prato e pediu bis. Juntamente com Rosa, Nuno também quis os Ovos Benedict, com muffin inglês (aquele pãozinho achatado, nem doce, nem salgado); ovo mollet (cozido com gema mal passada); molho hollandaise (limão, gemas, muita manteiga e sal) cebolete (a cebolina francesa) e a páprica.

Rosa pediu o Benedict com cogumelos, que comeu dois pratos. Nuno foi com presunto de parma e dividiu com a irmã. Nem precisa falar como tudo estava delicioso e perfeito para as crianças se acabarem. Vovó pediu sobrecoxa frita, molho Tonkatsu, pó de algas, no bao (o pãozinho asiático no vapor), a que não resisto. Comida asiática de boa qualidade é fazer como eles: em qualquer refeição é um bálsamo.

Domingo, o chefe Meguru Baba (ex-Alex Atalla) que nos presenteou com uma rara conversa sobre gastronomia, pois é um dos que sabe, gosta e nos ensina muito. O chef usa matéria-prima da mais alta qualidade aliada às melhores técnicas de cozimento e panificação com sourdough (fermento natural). O resultado são deliciosas pizzas contemporâneas com diferentes massas de fermentação natural feitas com farinha de trigo integral e semi-integral.

A primeira surpresa é a escolha das massas. São produzidas 4 com diferentes



Do brunch matinal à pizza de domingo à noite, o Coltivi é sempre uma opção acertada

farinhas, misturas e ponto de fermentação. Todas as massas nos pareceram incríveis. As crianças escolheram a Rotonda (blends de farinhas Italianas ricas em fibras, levain natural e fermentação longa fazem a pizza leve, de fácil digestão e sabor intenso) com cobertura Marguerita. Foi um sucesso porque é pizza de verdade, nada das invenções que anda por aí.

Antes de pizza, escolhemos duas entradas. A Choripizza, uma invenção perfeita.

Simples, básica e que com ingredientes de primeira qualidade: linguiça Parrillera Pirineus, scamorza branca (de leite de vaca com corte), chimichurri, cebolete. Zucca que mistura vários continentes: Creme de abobora japonesa, tahine de cogumelo, tempurá de alho poró confit, pó de shisso. A tempurá perfeita e tahine de cogumelo, a pasta de sementes de gergelim com o legume atinge outro patamar.

Pedi como massa a Brisa De Farinha,



Blend de farinhas tipo 1 integral, fermentação em biga 30 horas, cocção com a cobertura de Alicci, Tomate san marzano DOP, alici siciliana, stracciatella, alho poró confit tostado. Cortada em pequenos quadrados, para se comer com acerto, com as mãos. Rosa nomeou o Mate da Casa como o melhor que já tinha tomado. Nuno quis a Limonada gaseificada e com frutas vermelhas.

As crianças, nas duas visitas, ficaram brincando pelo quintal. E aí virou efetivamente um programa de casa de vó. Vamos repetir, cada um com seu cada qual, Eu e Rosa vamos às ostras, nas sextas-feiras porque é o dia que chegam. Nuno quer repetir a conversa com Wesley que cuidou de nós com todas a eficiência e comer a doçaria. Coltivi é a tradução de cultivar. Nessa casa, comandada pelo italiano Piero Zolin com Meguru Baba se cultiva afeto, bom atendimento e enorme carinho pelas pessoas e pela gastronomia. Como fazem as avós. Nuno e Rosa são meus netos.

SERVIÇO

COLTIVI

Rua Conde de Irajá, 53 - Botafogo
Quartas e quintas (19h às 23h30),
sextas (19h à 0h), sábados (brunch,
de 9h às 15h, e jantar, das 19h à 0h)
e domingos (brunch, de 9h às 15h, e
jantar, das 19h às 23h)